

Século XXI: um jornalismo mais plural e menos dicotômico

XXI century: for a more pluralistic and less dichotomous journalism

Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo



MÁRCIA ELIANE ROSA¹

RESUMO

É notória a necessidade de um jornalista interveniente em meio ao excesso de informação, e em uma contemporaneidade onde as referências estão se diluindo e a historicidade escapando aos fatos. Este artigo pretende refletir sobre os atributos deste profissional do novo milênio olhando para um objeto do século passado: as revistas *Realidade*, que foi publicada no Brasil entre as décadas de 1960 e 1970, e também a atual revista *Trip*, que parece propor uma linha editorial herdeira de *Realidade*. De forma anacrônica, é possível observar características de um jornalismo que conseguiu perceber seu cotidiano com uma visão pluralista, contextualizada e agindo de maneira interventiva, tal qual parecem nos requerer estes novos tempos.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo. Revista *Realidade*. Cultura. Contemporâneo. Pluralismo.

ABSTRACT

These findings emphasize the need for an intervening journalist amid a surplus of information and a contemporary where references are thinning and the historicity escaping the facts. This article aims to reflect on the attributes of this new millennium professional looking for an object of the past century: *Realidade* magazine, which was published in Brazil between the 1960s and 1970s and also the *Trip* magazine that seems to propose an editorial line heir of *Realidade*. Anachronistically, it is possible to observe characteristics of journalism that could perceive their daily pluralistic, contextual and intervening form, as it seem to require in these new times.

KEYWORDS

Journalism. *Realidade* magazine. Culture. Contemporary. Pluralism.

Recebido em: 03/10/2014. Aceito em: 07/12/2014.

¹ Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Comunicação e Mercado pela Faculdade Cásper Líbero. Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Professora da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas. E-mail: marciaer@terra.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4166012007811438>.

Século XXI:

um jornalismo mais plural e menos dicotômico

1 INTRODUÇÃO

As influências das novas Diretrizes Curriculares² ativaram os debates nas faculdades de jornalismo, e também reativaram aquelas velhas dicotomias do tipo 'profissionais x acadêmicos', 'teoria x prática', assim como outras questões limítrofes e deterministas muito comuns do século passado. Mas, se se pretende debater sobre jornalismo neste novo cenário, talvez fosse o momento de se abandonar antigos padrões que há décadas vêm apontando sinais de falhas no desenvolvimento do fazer jornalístico.

A profissão de jornalista requer compreensão de realidade e para tal não bastam as técnicas, as regras e o processo. É preciso também ater-se à complexidade do trabalho de um *interventor*. Quanto mais informação, maior esta necessidade. Como já lembrou Eduardo Meditsch num debate sobre o ensino de Jornalismo:

Contudo, não basta dar atenção às técnicas, ainda que seja atenção teórica. Na sociedade do conhecimento, mais do que nunca é necessário afirmar o jornalismo enquanto atividade intelectual. Na perspectiva do jornalismo, é preciso transformar os atuais cursos de comunicação em cursos de conhecimento, lugares de 'aprender a aprender' e de 'ensinar a aprender'. Mas, principalmente, de 'aprender a apreender a realidade', aproximando-se dela, a partir de um lugar profissional específico. (2007, p. 54).

Em fevereiro de 2014, o mesmo autor reforçou esta questão quando escreveu comentários sobre as tais novas diretrizes no texto *Diretrizes Curriculares em Jornalismo: oportunidade para o reencontro entre teoria e prática*. Nele, Meditsch enfatiza que deve haver, na formação dos jornalistas, equilíbrio entre os chamados conteúdos "teóricos" e "tecnicistas". Para ele deve haver, ainda, uma reorientação nas grades curriculares para que possa existir mais sentido na formação dos estudantes enquanto intelectuais, privilegiando o ensino com uma visão ampla, generalista e humanista; mas que, ao mesmo tempo, também seja contemplado o conteúdo especializado, ou seja, o conteúdo técnico, mais ligado às práticas cotidianas da profissão.

² BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 1 de 27 de setembro de 2013**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=19121&Itemid=866>.

Sim, é preciso estar atento ao equilíbrio na formação, principalmente para que se possa, assim, promover o pensamento e a reflexão, sempre. Contudo, a formação do jornalista não deve ser delineada apenas por um currículo que fomente conteúdos profissionais e teóricos. É necessário saber orientar tal formação intelectual de forma a promover a intervenção numa sociedade que ao mesmo tempo é carente de contextos e também exacerba informação.

No cenário contemporâneo, muitos foram os nomes dados e as características encontradas para definir o mundo vivenciado. No que chamou de *modernidade líquida*, Bauman (2003) tratou da fluidez que permeia as relações e incitou à reavaliação da noção de comunidade, de liberdade, de tempo e de trabalho. Marc Augé (1994) chamou de “supermodernidade” o lugar onde as imagens e as informações em excesso individualizam as referências e faz o indivíduo viver constantemente o não lugar. E ainda, recentemente, Lipovetsky e Serroy (2011) evidenciaram uma sociedade desorientada, à deriva numa tal “hipermodernidade” em que as experiências são intensas e urgentes, efêmeras e excessivas, e onde o capitalismo tornou-se completamente uma questão cultural. Estes são alguns dos autores que nos últimos anos trabalharam estas ideias e que falam de uma época conturbada para indivíduos que, dia após dia, parecem perder suas referências, aquelas que no século passado pareciam tão seguras.

A perda da historicidade é um ponto comum entre todos eles, e talvez este seja o ponto que une estes estudiosos. As fronteiras se romperam, o que antes era muito bem delimitado, hoje se entrelaça e se mistura. Neste sentido, fazer debates sobre jornalismo recuperando debates dicotômicos parece não ser um bom caminho.

2 A REVISTA REALIDADE COMO EXPERIÊNCIA ATUAL

Parece irônico, mas a proposta deste artigo é justamente olhar para um objeto do passado que, em tempo, nos fez vislumbrar o necessário futuro com uma proposta de um jornalismo pluralista, interpretativo e interventivo. Trata-se da revista *Realidade*, veiculada no Brasil entre as décadas de 1960 e 1970. Uma das trilhas que nos parece interessante neste sentido é compreender a forma

Século XXI:

um jornalismo mais plural e menos dicotômico

como a revista atuava e desenvolvia seu processo jornalístico e sua proposta editorial a fim de explicar o resultado de reportagens com olhar contemporâneo. Assim, baseado em pesquisas realizadas pela autora, este artigo não traz resultados, mas uma reflexão sobre o jornalismo a partir de análises já obtidas.

O texto da revista *Realidade* apresenta elementos importantes para a compreensão da cultura daquele período. São diversas as características que diferenciam essa publicação jornalística de todas as outras registradas na história da imprensa brasileira. Além de atuar diante de aspectos culturais e sociais bastante intensificados na década de 1960, a revista se destacava por ter o corpo editorial formado por jornalistas sensíveis à captação dos sinais que representavam a sociedade.

A equipe da revista *Realidade* se empenhou em buscar e em captar as nuances de um momento social específico, e, com elas, poder fazer relações com a Filosofia, a Sociologia e a História, além da política e da cultura, intimamente ligadas a um processo contínuo no qual não havia espaços para fragmentações. Nessa produção, as relações só poderiam ser estabelecidas pelo olhar humano, quando conflitos e contradições coexistiam. O processo jornalístico, nesse sentido, entrelaçara-se, completamente, com o processo do cotidiano, quando o envolvimento do repórter é com o assunto, com o objeto e depois com o texto.

A revista *Realidade* foi publicada pela *Editores Abril* por um período de dez anos, de abril de 1966 a março de 1976. Editada mensalmente, atingiu a tiragem de 475 mil exemplares, quase o dobro da tiragem inicial, após seis meses de lançamento. Nota-se, portanto, que, na fase após dezembro de 1968, a proposta editorial de *Realidade* foi bastante alterada devido à situação política do Brasil. Naquele mês, foi instituído o Ato Institucional nº 5, que enfatizou a atuação da ditadura instaurada no país desde 1964. A revista demonstrou sua relevância, primeiro, sob o aspecto jornalístico, quando fez uma cobertura das questões sociais no Brasil e no mundo, de forma bastante contextualizada e com a apresentação de um texto aprimorado, próximo ao estilo literário. Esses aspectos fizeram a diferença quanto à qualidade do

material, não só comparando-os às publicações da época, mas às revistas até então publicadas no país.

Um segundo aspecto importante é o retrato que a revista trouxe, com uma linha crítica acirrada sobre os acontecimentos políticos, sociais e culturais de uma época com mudanças representativas. Nesse panorama, podemos citar acontecimentos importantes como a solidificação da indústria cultural, a instauração do regime militar e a formação da classe média urbana, que, na década de 1960, superara em números a população rural do país.

Outro apontamento tem relação com as atitudes produtivas de *Realidade* perante a implantação da indústria cultural. Revistas contemporâneas consideradas ilustrativas como *Manchete* e *Fatos e Fotos* eram totalmente favoráveis aos produtos que vinham das novas mídias e se aproveitavam de suas inovações estilísticas, como grandes fotos coloridas para estamparem as celebridades da época. A revista *Cruzeiro* tinha uma linha menos publicitária, mas também demonstrava, com clareza, os acordos com a nova indústria cultural.

Pode-se entender que a revista *Realidade* atingiu uma importante e diferente conexão com a vida cotidiana brasileira, que se transformava quando assuntos como religião, preconceito e resistência política eram tratados de maneira clara, mas polêmica.

O caráter verticalizado adquirido pelas reportagens de *Realidade* guardou estreita relação com o discurso transgressor produzido em meados dos anos 60 e que abarcou, em sua formulação, a ordem dos valores burgueses conservadores, a ordem do Estado e a ordem da estrutura social. (FARO, 1999, p. 13).

3 REPORTAGEM COM HISTORICIDADE, INTERVENÇÃO E SINGULARIDADE

A revista *Realidade*, com a proposta editorial de uma leitura crítica da sociedade, abarcou a compreensão de mundo com rigidez de apuração e, ao mesmo tempo, sem restrições na sua pluralidade, abordando a cultura como manifestações humanas que são desenvolvidas na sociedade de uma forma contínua e transformadora.

Século XXI:

um jornalismo mais plural e menos dicotômico

284 | Através das pesquisas de Rosa (2006) foi possível fazer alguns apontamentos e assim demonstrar aspectos importantes que se destacaram como características relevantes da revista *Realidade*, por exemplo, na compreensão de cultura relacionada ao jornalismo contemporâneo como forma de conhecimento e não como mero divulgador de informações sobre a vida social, seguindo uma agenda cultural. Nesta pesquisa, a revista *Realidade* é estudada no período de abril de 1966 a dezembro de 1968, num total de 33 edições. Essa fase demonstrou a prática do seu projeto editorial crítico e ousado no levantamento de dados a acesso às fontes, além de pautas criadas sob o olhar inquieto frente às transformações sociais. Nessas primeiras edições, foram realizadas reportagens com temas culturais diversos como o surgimento da Bossa Nova e a Jovem Guarda, os festivais de músicas, o movimento *hippie* e a Tropicália brasileira. Essas matérias são exemplos que complementam um universo aproximado de 40 textos, que além da cultura, apresentam temas como ciências, comportamento e religião, que estabelecem relações com múltiplos aspectos da vida social brasileira em transformação. Entendeu-se que a proposta de analisar as 33 primeiras edições da revista abordou as diversas circunstâncias das variáveis como situação econômica, política e cultural do país, através de uma contextualização desse período. Este estudo ocorreu sob a luz de Iuri Lotman para a compreensão das funções socioculturais e suas possíveis relações entre o texto e os sentidos produzidos.

Assim, compreendeu-se que *Realidade* buscou e representou, no processo jornalístico do período 1966-1968, uma abordagem ampliada da visão de mundo, resultante da formação do corpo de jornalistas, dos princípios editoriais e de características específicas do período cultural em que a revista foi publicada. Um primeiro ponto pode ser comprovado no processo de produção editorial ímpar que a revista *Realidade* apresenta. Seu modelo de reportagens autorais, o contexto cultural em que elas foram produzidas e a abordagem contextualizada de um período demonstraram que um veículo de comunicação pode ser um elemento transformador no campo cultural ao assumir a proposta de identificar os aspectos do cotidiano emergente de uma época através de textos diferenciados.

Foram observadas formas com as quais a sociedade lidava com a cultura que, às vezes, parecem esvaziadas e funcionais e, em outras, surgem como instrumento de socialização, o que permitiu explicar o cenário de uma sociedade contraditória, pluralizada e não estagnada.

Num paralelo superficial com as leituras atuais da cobertura jornalística no setor cultural, é possível perceber uma singularidade específica. As atuais publicações parecem estar sufocadas em seu trabalho, ao resumi-lo em divulgações e serviços de eventos culturais.

Essa característica, nas reportagens da revista *Realidade*, já era detectada como um 'empobrecimento' de conteúdo da imprensa ao abordar a sociedade. Havia uma crítica aos bastidores da mídia, principalmente, na referência ao conteúdo trabalhado na programação da televisão. Aspectos como o hibridismo cultural e a globalização também foram encontrados como instrumentos de debates nas reportagens da *Realidade*.

Percebeu-se, ainda, que a contextualização da vida extratextual corresponde ao modo pelo qual o repórter-autor abordava a linguagem ao construir sua reportagem, aspecto importante para a identificação de elementos da cultura de uma época, ao expor suas subjetividades. Nestes textos, percebemos contradições, medos e instabilidades, ao lado de constatações positivas no sentido de inovações e evoluções sociais.

Desta percepção foi gerado outro apontamento. Entende-se que o trabalho jornalístico que visa à objetividade, ao singularizar fatos sociais, pode estabelecer uma concepção obtusa sobre o mundo, possibilitando, de forma muito mais intensa, a distorção da realidade, seguindo a visão de certos veículos e profissionais. Aspecto que se mostrou incompatível com a postura editorial de *Realidade*.

Meditsch (1992) lembra as ideias de Adelmo Genro Filho em seu livro *O conhecimento do Jornalismo*, que reforçam a existência do modelo 'objetivo' de jornalismo, mas defende que deve ser acrescentada a esse modelo a particularidade do repórter que produz o texto, o que possibilita a criticidade ao momento social.

Para captar o universo cultural de uma época, *Realidade* utilizou-se da universalidade, no sentido cosmopolita de abordagem plural e híbrida, das

Século XXI:

um jornalismo mais plural e menos dicotômico

pautas e não da singularidade. Também usou de modelos que privilegiaram as subjetividades, dando espaço à emoção e à observação ao mostrar, dessa forma, características semelhantes ao *New Journalism*. A particularidade também estava presente nos modelos autorais dos textos e, necessariamente, no processo metodológico do jornalismo.

Não parece, assim, que os elementos subjetivos utilizados na execução das reportagens de *Realidade* possam ter transformado seus textos em jornalismo opinativo. A marca autoral estava no estilo da linguagem do autor e não na simples visão subjetiva do tema reportado. Apesar de esse fator ser questionável em algumas das reportagens, nas leituras exemplares, foi possível perceber que a contextualidade perseguida nas reportagens se incumbiu de dar credibilidade a esses textos, contemplando a produção de sentidos construída na organização textual discursiva de cada escritor-repórter.

4 UM MODELO EM BUSCA DO PLURALISMO

286 |

A revista deixou certo modelo a seguir. Muitas vezes, o trabalho realizado pela revista é citado por jornalistas e estudado por acadêmicos. Alguns jornais e revistas também fizeram ou fazem produções parecidas. Para finalizar este artigo, parece ilustrativo citar a revista *Trip*, uma espécie de *herdeira editorial* de *Realidade*. Não se trata de uma comparação entre as duas revistas porque os princípios ideológicos e editoriais são outros, mas o desejo de liberdade e de expressão cultural de uma época é semelhante. Como exemplo, podemos citar a identificação da atmosfera cultural de jovens brasileiros com a revista.

A *Trip* é uma publicação para um público específico que detecta, através de suas reportagens, comportamentos diversos e, conseqüentemente, o movimento da cultura no país. Apresenta, em sua linha editorial, uma postura de recusa às pautas comuns na imprensa. Apesar de ter um grande retorno do público jovem, a revista preserva a ideia de direcionar-se para os leitores que se identificam com um determinado tipo de comportamento diante da vida, e não por faixas etárias ou sociais. A revista é uma das publicações da *Editores Trip*, fundada em 1986. Premiada no Brasil e no exterior (incluindo três medalhas do *New York Art Directors Club* e finalista do *Prêmio ESSO de Jornalismo* nos três últimos anos), já atingiu a tiragem de 50.000 exemplares. Destaca-se, também,

pela diagramação ousada, pela qual já foi premiada. É a única revista brasileira que tem opção de capa. O leitor escolhe, na banca, qual prefere levar. O editor, Paulo Lima, declara as convicções que caminham com a revista, durante seus quase 20 anos, neste editorial de aniversário:

Não

TRIP tem sido nesses onze anos um enorme Não aos formatos editoriais importados dos Estados Unidos e Europa. Não a ideias bloqueadas como a que diz que uma revista deve ter apenas uma capa. Não à ditadura jovem idiota, que atribui prerrogativas a qualquer boçal pelo simples fato de que ele tem menos de 30 anos. Não à autoridade gerontocrática que tenta impor ideias de boçais pelo simples fato de que eles têm mais de 60. Não à ideia de que o jornalismo não deva opinar ou declarar suas convicções. Não ao dogma de que é impossível ganhar dinheiro com cultura e jornalismo sério e independente, e, por fim e mais recentemente. Não às formas geométricas e à disposição de volumes pelo espaço branco que os acomodados convencenam entre si como os projetos gráficos que funcionam. Feliz Natal e um enorme e sorridente em 98. (LIMA, 1998).

Paulo Lima representa, nesse texto, o princípio que norteia a linha editorial da revista *Trip*. A ideia de contrapor-se a um sistema pronto e preestabelecido poderia ser uma estratégia de marketing, mas o resultado de produção da revista, nesses anos, mostra que as inovações de pauta vão na contramão de um sistema pasteurizado de cultura.

O repórter especial da *Trip*, Arthur Veríssimo, mostra desde o início das publicações, textos que representam parte da proposta da revista. Com temas de reportagem originais e textos inusitados, o repórter se distancia de temas comumente abordados pela imprensa ao excluir as padronizações das pautas viciadas e, principalmente, ao apresentar uma noção de cultura que, às vezes, é contraditória, e em outras é apaziguadora ao representar a pluralidade do que retrata.

Veríssimo apresenta reportagens mensais na *Trip* em que se destacam características como o uso da subjetividade, da emoção, descrições e observações que contribuem para o texto no sentido de ampliar a abordagem de cultura. São frequentemente publicados temas sobre religiosidade e comportamento de sociedades diferenciadas trazendo à tona questões da

Século XXI:

um jornalismo mais plural e menos dicotômico

relatividade cultural. São certamente manifestações que transformam comportamentos de povos e despertam o interesse do público nesse sentido.

O repórter escreve suas vivências, muitas vezes ligadas à espiritualidade humana, em diversos lugares do mundo. Retrata culturas e comportamentos através dos relatos em primeira pessoa. São informações expressas, basicamente, através das observações, sentimentos e sensações. Um texto que reflete parte desse trabalho de 20 anos como repórter é a matéria intitulada *Benza Deus* (VERISSIMO, 2005), em que o autor descreve os caminhos de romeiros fiéis a Padre Cícero, no Ceará, e traz esse universo para as páginas da *Trip* de forma que o leitor passa a viver com ele a aventura.

O repórter enfatiza que, em todas suas pautas, há um profundo envolvimento com o tema e diz que suas reportagens são resultados de vivências que tenta transpor em palavras e impressões. “Eu tento trazer à baila toda essa coisa do inusitado, do longínquo. Trazer o longínquo para bem próximo das pessoas.”³

288 |

Arthur Veríssimo explica que seu processo de elaboração das reportagens estabelece plataformas de trabalho: primeiro, a pesquisa, depois, destaca a importância de colher informações, pegar relatos, ou seja, ter os temperos todos para que se possa criar um ‘belo’ texto, e ele estabelece metáforas. “É fundamental você dar criatividade, dar masala, dar cravo da Índia, mostarda, [...] porque fica aquela tábua rasa como é aquele arroz com feijão, não vai adiante. Então eu tenho que transpirar o texto para o leitor.”⁴

São posturas diferenciadas no universo jornalístico que vão ao encontro de grupos existentes na imprensa que buscam caminhos alternativos, ou mesmo, que entendem que as mudanças nesse setor são urgentes.

Com essas observações que parecem atalhos do pensamento, lembramos a palavra do jornalista Myltainho, editor da revista *Realidade* (1966-1968), ao olhar com inquietude para esse cenário padronizado e observar que, de forma geral, os textos atuais não podem ser sentidos pelo leitor. “A matéria não tem cheiro, não tem cor, não palpita, não te traz emoção nenhuma.

³ Entrevista concedida à autora, em 28 de abril de 2006.

⁴ Entrevista concedida à autora, em 28 de abril de 2006.

[...] É preciso fazer mais jornalismo, aí tem uma função social que é fundamental.”⁵

É notório que há necessidade de dar mais temperos aos textos. E mais: que o processo jornalístico permita o envolvimento do repórter com abordagens culturais mais abrangentes para que, assim, ele possa assumir sua responsabilidade para registrar a pluralidade de formatos midiáticos e fatos sociais encontrados no momento em que vivemos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que os processos jornalísticos convencionais, utilizados nas grandes redações, fazem parte de um sistema que foi, e ainda é, necessário para a organização e produção do *hardnews*. Mas também entendemos que trabalhos paralelos devem coexistir e precisamos atentar mais para essa postura. Compreendemos, principalmente, que, na cobertura cultural, uma visão ampla e pluralizada não poderá ser contemplada num sistema cartesiano de jornalismo. Não é uma questão de resistência, mas de permissão de transformações.

O exemplo da revista *Realidade* precisa ser considerado em seus princípios editoriais, mesmo em formatos diferentes e atualizados em relação à indústria e ao mercado. As revistas da atualidade poderiam, desse modo, reconstruir a atmosfera do imaginário de um momento histórico, ao considerar, na elaboração de reportagens, a cultura de uma época em todos os seus aspectos, em sua pluralidade.

Assim, ao pensarmos o ensino em Jornalismo, o olhar deve-se distanciar das dicotomias que estabelecem a presença de um pensamento cartesiano que pouco pode contribuir no contexto da produção jornalística atual. O olhar pluralista que as revistas *Realidade* e *Trip* nos propõem observar atenta para uma prática da profissão muito mais complexa e que pode dar conta deste universo pós-moderno, em que é comum nos depararmos com fatos completamente fora de sua historicidade e alocados no mundo do parecer ser ou do não lugar, como citado por alguns pensadores já invocados no início do texto.

⁵ Entrevista concedida à autora, em 28 de abril de 2006.

Século XXI:

um jornalismo mais plural e menos dicotômico

As subjetividades de um jornalista, quando usadas de forma apropriada e consciente, podem ser de grande importância na produção dos textos e na compreensão do mundo. E é valorizando esta característica que se pode formar um profissional capaz de intervir na compreensão e produção de sentidos sociais.

Portanto, a formação dos novos jornalistas deve estar atenta não apenas para a teoria e para prática, mas também para a formação de um *interventor*, que deve não apenas apurar e narrar fatos, mas compreendê-los dentro de um contexto que se torna cada vez menos compreensível. E como lembra Meditsch (2007), é preciso construir a faculdade de Jornalismo fortalecendo a formação do intelectual que possa não somente aprender, mas apreender a realidade. 

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

FARO, José Salvador. **Revista Realidade 1966-1968**: tempo da reportagem na imprensa brasileira. Canoas: Editora da ULBRA; Editora AGE, 1999.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. 2. ed. São Paulo: Ática, 2007.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri-SP: Manole, 2004.

LIMA, Paulo. Editorial. **Trip**, São Paulo, ano 11, n. 59, dez. 1998.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A cultura-mundo**: respostas a uma sociedade desorientada. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MEDITSCH, Eduardo. Diretrizes Curriculares em Jornalismo. Oportunidade para o reencontro entre teoria e prática. **Observatório da Imprensa**, 25 fev. 2014. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed787_oportunidade_para_o_reencontro_entre_teor%C3%ADa_e_pr%C3%A1tica>. Acesso em: 13 set. 2014.

_____. Novas e velhas tendências: os dilemas do ensino de jornalismo na sociedade da informação. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 41-62, abr./jul. 2007. Disponível em: <<http://www.fnpi.org.br/rebej/ojs/viewissue.php?id=6>>. Acesso em: 23 ago. 2014.

_____. **O conhecimento do Jornalismo**. Florianópolis: Editora UFSC, 1992.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas:** a segmentação da cultura no século XX. São Paulo: Olho D'Água; FAPESP, 2001.

MOREIRA, Roberto Sabato Cláudio. A revista Realidade e o processo cultural brasileiro dos anos 60. In: MAURICE, Mouillaud; PORTO, Sérgio Dauyrell (Orgs.). **O jornal:** da forma ao sentido. Brasília: UnB, 2002.

REALIDADE. São Paulo: Editora Abril, 1966-1976.

TRIP. São Paulo: Editora Trip, 1990-.

RIBEIRO, José Hamilton. **Jornalista:** 1937-1997. História da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais), câmeras e microfones. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

ROSA, Márcia Eliane. **Os sentidos pluralistas do cotidiano da cultura nas reportagens da revista Realidade nos anos de 1966 a 1968.** 2006, 215 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

VERISSIMO, Arthur. Benza Deus. **Trip**, São Paulo, ano 19, n. 140, dez. 2005.